



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS DE LARANJEIRA DO SUL
INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS – LICENCIATURA**

MARISA BARANOSKI VIRMOND

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DAS MULHERES E A LUTA PELA
TERRA NO ACAMPAMENTO HERDEIROS DA TERRA DE 1º DE MAIO**

**LARANJEIRAS DO SUL
2019**

MARISA BARANOSKI VIRMOND

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DAS MULHERES E A LUTA PELA
TERRA NO ACAMPAMENTO HERDEIROS DA TERRA DE 1º DE MAIO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação
apresentado como requisito para obtenção do grau de
licenciado em Interdisciplinar em Educação do
Campo: Ciências Sociais e Humanas da Universidade
Federal da Fronteira Sul – Campus Laranjeiras do
Sul.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Eloá Gehlen

**LARANJEIRAS DO SUL
2019**

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Virmond, Marisa Baranoski

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DAS MULHERES E A LUTA PELA
TERRA NO ACAMPAMENTO HERDEIROS DA TERRA DE 1º DE MAIO /
Marisa Baranoski Virmond. -- 2019.

44 f.

Orientadora: Professora Doutora Maria Eloá Gehlen.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso
Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências Sociais
e Humanas-Licenciatura, Laranjeiras do Sul, PR , 2019.

1. Mulheres. 2. Formação política. 3. Trajetória de
lutas. 4. Identidade Camponesa. I. Gehlen, Maria Eloá,
orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III.
Título.



MARISA BARANOSKI VIRMOND

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DAS MULHERES E A LUTA PELA TERRA
NO ACAMPAMENTO HERDEIROS DA TERRA DE 1º DE MAIO**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências Sociais e Humanas – Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul - *Campus* Laranjeiras do Sul.

Orientador(a): Profa. Dra. Maria Eloá Gehlen

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 03/12/2019.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Maria Eloá Gehlen
Presidente / Orientador(a)

Prof. Dr. Fabio Pontarolo
Avaliador

Profa. Ma. Luizangela Padilha Pontarolo
Avaliadora

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1- Ocupação do latifúndio Araupel. S.A.	15
FIGURA 2 - Formação do acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio.....	16
FIGURA 3- Audiência pública realizada em Rio Bonito do Iguaçu.....	17

LISTA DE SIGLAS

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agraria.....	17
MST- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra.....	11

RESUMO

Este trabalho se desenvolve na perspectiva da construção da identidade das mulheres e a luta pela terra por elas desenvolvida. O objetivo é de analisar a construção da identidade na luta das mulheres, identificar como ela ocorre, junto com a luta pela terra, em especial as camponesas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, no território que contempla o acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio, localizado no Município de Rio Bonito do Iguazu, no Paraná; sua trajetória de vida, a formação política e as perspectivas a respeito da conquista da terra nos anos que permaneceram no acampamento. Espera-se demonstrar com esse trabalho o processo de construção da emancipação das mulheres camponesas, nesse acampamento. A metodologia trabalhada será desenvolvida com pesquisa qualitativa, com entrevistas semiestruturadas, com cinco sujeitos inseridos nessa realidade. O resultado preliminar indica uma superação das dificuldades sociais e de gênero, conquistada pelas mulheres e a participação ativa na vida do acampamento.

Palavras Chave: Mulheres, Formação política, Gênero, Trajetória de lutas, Conquistas, Identidade Camponesa.

ABSTRACT

This work aims to develop in a perspective of women's identity building and the struggle for land that they pursue. The purpose is to analyze the identity building in the women's struggle, to identify how it can happen, besides the struggle for land, specially the peasant women in the Landless Worker's Movement, the area is situated at Herdeiros da Terra de 1º de Maio Camp in Rio Bonito do Iguaçu city, Paraná state; their history life, the political education and the land achievement's perspectives while they had stayed in the Camp. This work hopes to demonstrate the process of the peasant women's empowerment building. The methodology selected is going to develop the qualitative research perspective, with five semi-structured interviews of people included in this reality. The preliminary result points to an overcoming of the social difficulties and gender, women's achievement and an active engagement in the Camp's life.

Key words: Women. Political formation. Fighting trajectory, Achievements. Peasant Identity

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 CAPÍTULO I O MUNICÍPIO DE RIO BONITO DO IGUAÇU, NO PARANÁ.....	12
2.1 A LUTA PELA CONQUISTA DO TERRITÓRIO E A LUTA PELA TERRA.....	13
2.2 DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO NO ACAMPAMENTO.....	20
3 CAPÍTULO II CONFLITO DAS MULHERES PELA SUA LIBERDADE.....	23
3.1 HISTÓRICO DE LUTAS DAS MULHERES NA SOCIEDADE.....	23
3.2 TERRITÓRIO DE LUTA DAS MULHERES, NO ACAMPAMENTO HERDEIROS DA TERRA DE 1º MAIO.....	26
4 CAPÍTULO III O PODERE E A EMANCIPAÇÃO	27
4.1 PESQUISA E A ANÁLISE DA HISTÓRIA DE VIDA.....	34
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
6 REFERÊNCIAS.....	43

1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho reflete o pertencimento de sua autora na luta da classe trabalhadora desde os nove anos de idade. Ingressou no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), quando sua família se acampou as margens da BR 158, no Município de Chopinzinho, no estado do Paraná.

Posteriormente, em 1985, foi assentada na fazenda Xagú no Município de Nova Laranjeiras, Paraná. Houve uma grande transformação na vida das famílias que ali conquistaram seu pedaço de terra.

Aos 18 anos mesma foi morar no Município de Cascavel, no Paraná, porque no campo não havia oportunidades aos jovens de estudar e ter uma profissão, que não fosse o trabalho braçal na lavoura de sua família, ou alguma outra expectativa de vida melhor.

Após 21 anos, morando na cidade, cansada da vida de servidão do proletariado ao sistema capitalista, pois trabalhou como: empregada doméstica, diarista, auxiliar de serviços gerais, caixa em supermercados, auxiliar administrativo, vendedora, recepcionista, atendente de lanchonete e pizzaiola, enquanto aguardava novas ocupações do MST, para retornar ao campo.

Logo após ter chegado ao acampamento em 03 de maio de 2014, inseriu-se no setor de educação do grupo ao qual pertencia/pertence e passou a acompanhar as reuniões e a organização da ciranda infantil, da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e os primeiros preparativos para a escola itinerante do acampamento que acabara de nascer.

Hoje, encontra-se trabalhando na escola itinerante Herdeiros do Saber, como educadora dos anos iniciais e também na realização dos Estágios Supervisionado do curso Interdisciplinar em Educação do Campo.

Também atua na convivência com as pessoas, na base, por meio de reuniões ou em conversas informais. Observa o trabalho incansável das mulheres nessa luta, que muitas vezes passa despercebido, por estarem as mulheres ainda inseridas numa sociedade, sexista, machista e excludente, por questões que permeiam os fatos do cotidiano, havendo, porém, a busca por uma educação libertadora. Hoje, encontra-se morando no Pré-Assentamento¹

¹ Pré-Assentamento, termo usado pelos camponeses referindo-se a situação na qual se encontram, mesmo morando cada um em cima de um pedaço de terra, tal assentamento não possui legitimidade via INCRA.

Herdeiros da Terra de 1º de Maio, no Município de Rio Bonito do Iguçu, no Paraná, onde conquistou seu pedaço de terra.

Esse trabalho surgiu em meio a necessidade de compreender como se forma a identidade² da mulher camponesa, inserida nos acampamentos do MST, em especial no acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio, no Município de Rio Bonito do Iguçu, no Paraná.

Assim como compreender as suas pautas de lutas, anseios, perspectivas na conquista da terra, onde serão estabelecidas as relações de produção e a reprodução da vida, no assentamento, que está em processo de construção/estruturação.

Deste modo; procura compreender o processo de inserção, formação política, lutas e organização das mulheres, tendo em vista que a mulher desempenha dupla ou tripla função de trabalho, quando a ela cabe o trabalho doméstico e no campo e muitas delas são atuantes nos movimentos sociais populares, professoras, coordenadoras, dirigentes, ativas no processo de formação dos demais integrantes do Movimento Sem-Terra.

Há necessidade de analisar e compreender o processo político formativo das mulheres inseridas nesse Movimento² social popular, no acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio, no Município de Rio Bonito do Iguçu, no Paraná.

Busca-se saber, o que fizeram as mulheres durante os quatro anos que antecederam a chegada na terra e como buscaram e participaram da formação política e como desenvolve-se hoje esse processo?

O objetivo deste trabalho é compreender, como ocorre o processo de luta, formação política e construção da identidade da mulher, dentro do Movimento³ dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra no acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio, Município de Rio Bonito do Iguçu, Pr.

A metodologia é qualitativa, com entrevistas semiestruturadas e histórias de vida, além de revisão bibliográfica.

² As diferentes ordens do discurso, responsáveis pelas mudanças do sujeito, constituem a identidade feminina e, por estarem submissas a momentos históricos específicos, abrigam experiências particulares, emoções e vivências culturais que permitem a construção social da subjetividade da mulher. (Vieira, 2005).

³ Movimento é o termo utilizado por alguns autores para se referir ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – o MST. Neste trabalho, utilizaremos tanto MST quanto Movimento.

Deste modo, busca no primeiro capítulo dar a conhecer o município de Rio Bonito do Iguaçu, a luta pela conquista do território e da terra, como funcionou o acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio, nesta localidade.

Após, apresenta o conflito das mulheres pela sua liberdade, a resistência delas à opressão do patriarcado e do machismo, visando seu empoderamento na construção de sua identidade camponesa.

Na sequência, aborda os conceitos necessários à pesquisa como o poder e o que é ser mulher.

Após isso, apresenta a pesquisa a respeito das histórias de vida, assim como entrevistas semiestruturadas com mulheres participantes da ocupação e do Pré-Assentamento, assim como com mulheres que participaram do seu processo de formação.

Assim sendo, inicialmente apresento o município de Rio Bonito do Iguaçu, no estado do Paraná, palco de muitos conflitos agrários, entre eles a ocupação do território e o pré-assentamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio.

2 CAPÍTULO I O MUNICÍPIO DE RIO BONITO DO IGUAÇU, NO PARANÁ

O Município de Rio Bonito do Iguaçu comemora sua emancipação em 19 de março. Ele está localizado no médio centro-oeste do Paraná, possui uma área de 746,1Km², 598 metros de altitude. Tem a agricultura como economia predominante. Considerando os aspectos demográficos sua população é estimada em 13.660 habitantes (IBGE, 2018). A densidade demográfica é de 18,3 habitantes por km². Os limites geográficos do Município são: Laranjeiras do Sul, Nova Laranjeiras Porto Barreiro e Saudades do Iguaçu.

O território que corresponde ao Município de Rio Bonito do Iguaçu era coberto por densas florestas, com predominância do pinheiro de araucária no Paraná. Nos idos de 1945 e início da década de 50 o núcleo urbano deu origem à cidade, a qual iniciou às margens da antiga rodovia Guarapuava –Foz do Iguaçu, denominada “Internacional” ou “Estratégica”, onde está localizada a Usina Hidrelétrica de Salto Santiago. Esse Município foi criado mediante a Lei Estadual n.º 9.916, de 20 de março de 1992, desmembrando-se do Município de Laranjeiras do Sul, Pr.

Ele faz parte da região Cantuquiriguaçu e sedia o cenário do maior conflito agrário entre o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra – MST e o latifúndio. O MST é um movimento social camponês que surgiu em 1984, no Brasil. Seu principal objetivo é realizar

a reforma agrária, a produção de alimentação saudável e melhorar a condição de vida no campo. (Informações acima foram retiradas do site oficial da Prefeitura Municipal de Rio Bonito do Iguçu, Paraná. Acesso em 02/11/2019. Disponível em: www.riobonito.pr.gov.br/new).

O pré-assentamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio está localizado na região centro-oeste do Paraná, em Rio Bonito do Iguçu. Acolhe, hoje, aproximadamente 1.250 famílias de trabalhadores/as que compõe a agricultura familiar⁴. Essas famílias são em sua maioria compostas por filhos de assentados da reforma agrária, que estavam morando na cidade, por falta de oportunidades de viver e estudar no campo.

Agora, com a possibilidade de voltar a viver da terra, as famílias camponesas estão em pleno vigor, de novo. Vivenciam a experiência de construção da liberdade na busca pela terra, pela reforma agrária e a transformação social.

2.1 A LUTA PELA CONQUISTA DO TERRITÓRIO E A LUTA PELA TERRA

Apresenta-se desde o início a luta pela conquista da terra e a construção do acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio, no Município de Rio Bonito do Iguçu, Paraná. Até o pré-assentamento, na atualidade.

No dia 1º de maio de 2014, desencadeou-se uma organização do movimento camponês de luta pela terra, dando-se assim o início ao acampamento-base⁵ Herdeiros da Terra 1º de Maio, no Município de Rio Bonito do Iguçu, no estado do Paraná.

Formava-se ali um grupo de 2.500 famílias que fizeram a ocupação de parte do latifúndio local, da empresa Araupel S/A, (antiga Giacomet-Marodin Indústria Madeireira S.A.) localizada no Pinhal Ralo, no Município de Rio Bonito do Iguçu, no Paraná.

Hoje, a área da empresa grileira, grande parte já está ocupada, por acampamentos e assentamentos da Reforma Agrária. O Município de Rio Bonito do Iguçu, possui o maior assentamento da América Latina. Ele move a economia local e atrai pessoas de diferentes locais do país e do mundo.

⁴ Agricultura Familiar “O termo agricultura familiar corresponde a múltiplas conotações. Apresenta-se como categoria analítica, segundo significados construídos no campo acadêmico; como categoria de designação politicamente diferenciadora da agricultura patronal e da agricultura camponesa. (Dicionário de Educação do Campo, 2012, p.32.)

⁵ . Acampamento-base, é um acampamento provisório que serve de base para a organização das famílias sem-terra, antes da ocupação de um território.

O reconhecimento do espaço, onde se localizaria o acampamento Herdeiros da terra 1º de Maio, foi realizado por integrantes do MST, como estratégia de ocupação, resistência ou manutenção, conquista e exercício do poder, antes da ocupação da área. Por pessoas que se dispuseram a analisar o espaço, verificando as condições do terreno, proximidades de nascentes, entrada com apenas um acesso de estrada, e dessa forma foram analisadas as possibilidades de resistência a uma possível reintegração de posse.

Na madrugada gelada de 17 de julho do ano de 2014, aproximadamente 2.500 famílias adentraram o território da empresa Araupel S. A, conforme mostra imagem abaixo na figura 1, representando o momento da chegada.

Figura 1- Ocupação do latifúndio Araupel S. A, momento da chegada dos integrantes do MST – 2014.



Fonte: Leandro Taques (2014)

Após a ocupação, o acampamento foi constituído em um espaço entre vales e matas, com acesso restrito. Como estratégia de resistência, este é vigiado pelos acampados que ficam de sentinela nas guaritas durante vinte e quatro horas por dia. A imagem a baixo mostra a constituição do acampamento, que servira de abrigo as famílias acampadas durante o período de luta, pela conquista da terra.

Figura 2- Acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio, dentro do território da madeireira Araupel S. A. - 2014.



Fonte: Leandro Taques (2014).

Após negociações com o INCRA, o Estado e a empresa grileira madeireira Araupel S.A. verificou-se serem essas terras da União e chegou-se à conclusão, de avançar com o objetivo, de dominar todo o território, derrubar as árvores reflorestadas ainda não madeirável com o objetivo de que a terra cumpra a sua função social que é a garantia de direito dos trabalhadores incluindo soberania alimentar dos trabalhadores do campo e da cidade e transformação social.

Assim após dois anos de ocupação, o acampamento foi “dividido” em seis pontos estratégicos, os quais foram fixados na ponte do Rio das Cobras, Guajuvira, Herdeiros I, Eucalipto, Lambari e Alojamento.

Por um período a empresa grileira deixou de trabalhar no espaço, porém retornou e houve conflitos entre integrantes do MST e funcionários dessa empresa.

Houve uma audiência pública, realizada no Município de Rio Bonito do Iguaçu, Pr, em três de março de 2017. O evento foi convocado pelo pela Comissão de Direitos Humanos e minorias da Câmara dos Deputados. A audiência propõe o fim do conflito entre MST e Araupel. Esta audiência teve o intuito de avançar na pacificação da região, garantindo o direito da luta pela terra. Cerca de três mil pessoas participaram desta audiência. Os representantes da empresa não compareceram, porém ficou acordado que a Araupel poderia transitar livremente dentro do território ocupado pelo MST, nos espaços onde haveria a retirada da madeira, inclusive com a presença da polícia militar, fazendo segurança aos trabalhadores dessa empresa.

A imagem abaixo corresponde ao momento da realização da audiência pública, com intuito de garantia dos direitos da classe trabalhadora.

Figura 3- Audiência pública sedo realizada em três de março em Rio Bonito do Iguaçu – 2017.



Fonte: Radio educadora (2017)

Importante é o pensamento de Raffestin (1993, apud SOUZA, 2014, p.147) ao “falar de território é fazer uma referência implícita à noção de limite que, mesmo não sendo traçado, como em geral ocorre exprime a relação que um grupo mantém como uma porção do espaço”.

No acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio, existe um limite físico bem demarcado pelas guaritas localizadas nos pontos de entrada da fazenda Araupel S.A. delimitando o espaço físico onde os sujeitos, produzirão seu território e se constituirão como sujeitos do meio, enquanto estabelecem relações entre si. Concordo com o argumento de, Raffestin (1993, p. 144 apud SOUZA, 2014) no sentido de que:

Toda relação é o ponto de surgimento do poder e isso fundamenta a sua multidimensionalidade. A intencionalidade revela a importância das finalidades e a resistência exprime o caráter dissimétrico que quase sempre caracteriza as relações. Nesse sentido, o território revela relações marcadas pelo poder e é produzido por atores sintagmáticos. Esses atores são multiescalares, partindo do Estado aos indivíduos, englobando as empresas (trans)nacionais e os grupos sociais. Também ao argumentar que em graus diversos, em momentos diferentes e em lugares variados, somos todos atores sintagmáticos que produzem “territórios”

Considerando que a pauta do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, (após dez anos sem ocupações de áreas constituídas pelo latifúndio) é a contraposição ao modelo de produção agroexportadora de commodities do sistema capitalista. Sua luta envolve a disputa por um modelo de produção de alimento, baseado na produção agroecológica além da luta pela terra, é necessário a transformação social e a reforma agrária.

A constituição do domínio no território do acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio, corresponde a formação e a ação do coletivo de integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, em sua organicidade para manutenção do acampamento e suas estratégias de resistência.

O grupo se organiza de forma hierárquica, onde cada integrante tem uma função dentro do movimento. Todas as instâncias são/deveriam ser respeitadas. As hierarquias correspondem aos coordenadores dos setores, os coordenadores dos grupos, a direção dos espaços do acampamento, a direção regional, a direção estadual, a direção nacional.

Quando as decisões são coletivas. Em alguns casos específicos, são feitas nas instâncias maiores sem a participação de todos, (porque nem sempre todos os sujeitos estão preparados politicamente, para a tomada de decisão) e sendo assim, são comunicadas em forma de encaminhamentos por representantes dos setores, a respeito das tomadas de decisão, sendo acatada pelos por todos.

Na argumentação de Castoriadis (1983, apud SOUZA, 2008 p.22). “A liberdade numa sociedade autônoma exprime-se por essas duas leis fundamentais: sem participação igualitária na tomada de decisão não haverá execução; sem participação igualitária no estabelecimento da lei, não haverá lei [...]”.

A luta de classe dentro dos movimentos sociais populares, tende a ser igualitária, as tomadas de decisão devem contar com a participação de todos, pois são os sujeitos envolvidos no processo de transformação social que ao participar da construção de uma sociedade mais justa, identificam suas necessidades, e seu objetivo não deve ser pensado por um, ou por poucos dentro do conjunto.

O poder de tomada de decisão e essa forma de organização, permanece enquanto existir acampamento. Após se concretizar o assentamento muda-se a organicidade, pois as pessoas ficam menos vulneráveis. A organização e a luta continuam considerando que o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra avança e que há muita terra nas mãos de poucos e muita gente sem a terra.

Na lógica da disputa por um modelo de produção, entende-se que este sistema de reprodução pode ser, “[...] a relação social produz uma territorialidade se utilizando do território, mas há também as relações de subordinação dos camponeses, pois suas técnicas de produção são determinadas pelo agronegócio [...]”. (ORGANEK, 2017, p. 24).

Neste processo de estruturação e construção muitos ainda plantam monocultura de soja ou milho e fazem uso intensivo de agrotóxicos, ou ainda arrendam suas terras e compram comida no mercado da cidade, não se preocupando com a procedência. Percebe-se que a cultura burguesa capitalista está impregnada na vida do sujeito do campo quando ele, deixa suas laranjas apodrecer no pomar e toma refrigerante ou suco com sabor e aroma artificial, comprados no mercado.

A politização e contribuição da mulher nesse espaço de embate, na construção de um modelo de superação, ao atual sistema, de monocultura, excludente e desigual, visa a produção agroecológica e a soberania alimentar.

Como trabalhar essas questões, com as mulheres? Pois ao que parece toda a formação feita com os sujeitos no interior do acampamento, parecem esquecidas em suas práticas, quando há o assentamento da reforma agrária.

Pertinente a afirmação da autora, quando expressa que o poder de organização se mantém presente enquanto os sujeitos respeitarem as instâncias dentro de um grupo. Arendt (1985, Apud SOUZA, 2008, p.24).

O poder corresponde à habilidade humana de não apenas agir, mas de agir em unísono, em comum acordo. O poder jamais é propriedade de um indivíduo; pertence ele a um grupo e existe, apenas enquanto o grupo se mantiver unido. Quando dizemos que alguém está ‘no poder’ estamos na realidade nos referindo ao fato de encontrar-se esta pessoa investida de poder, por certo número de pessoas, para atuar em seu nome. No momento em que o grupo onde se origina o poder desaparece, ‘o seu poder’ também desaparece.

A existência de um grupo depende dos objetivos em comum pertencentes aquele determinado conjunto de pessoas, estando alguém revestido de poder para governar sobre os demais, eles só se mantêm enquanto garante a satisfação dos objetivos do grupo. O MST existe porque atende aos anseios dos sem-terra, em seus objetivos de conseguir um pedaço

de chão para viver e plantar, a partir do momento que não buscar esse objetivo, tende a não contemplar mais a quem representa.

O domínio do território ocupado pelos integrantes do MST é o embate existente entre os modelos antagônicos de produção. O movimento reelaborou sua pauta de discussão na luta pela terra como sendo seu principal inimigo o agronegócio, por ser esse um modelo excludente e gerador de desigualdade social, por esse motivo visa a substituição do atual modelo, pela agricultura familiar e a prática agroecológica.

Latifundiários e sem-terra se relacionam na base da violência, pois os camponeses sem-terra fazem ocupações nos grandes latifúndios como forma de pressão aos governantes e ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), para que as terras sejam desapropriadas para fins de reforma agrária.

Uma vez as terras ocupadas pelos sem-terra, os fazendeiros perdem o poder sobre aquele território reagindo na forma de violência, usando o aparato repressivo do Estado.

Neste caso, domínio econômico de um território, quando está sendo ameaçado de ser perdido, pode gerar violência. É importante a afirmação de Arendt (1985, apud SOUZA, 2014, p. 29-30)

O poder não carece de justificativas, já que seria inerente à existência de qualquer comunidade política; no entanto demanda *legitimidade*. Já ‘o domínio através da violência pura vem à baila quando o poder está em vias de ser perdido. “(...) Politicamente falando é insuficiente dizer não serem o poder e a violência a mesma coisa. O poder e a violência se opõem: onde um domina de forma absoluta o outro está ausente”.

A autora ressalta que em se tratando de poder, sua manutenção é mantida a qualquer custo e quando este está ameaçado, usa da violência que é contrária a ideia de poder. Quando existe consenso não é preciso usar da violência para convencer os seus governados a agir de acordo com os interesses daquele que governa.

2.2 DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO NO ACAMPAMENTO

O território ocupado pelos integrantes do MST tem por finalidade promover o progresso local, gerar empregos para a população que vive na cidade do Município de Rio Bonito do Iguaçu, PR e nas cidades vizinhas, assim como produzir alimentação saudável para quem vive no campo e na cidade. Desse modo ficam desmascarados os argumentos falaciosos da empresa grileira, pois essa madeireira produz poucos empregos, exporta madeira para o exterior, não deixa seu lucro no comércio local, destrói a natureza, usando o solo, a água e os recursos naturais para produzir desigualdade social. Importante as afirmações de Souza (2014, p. 100-101), quando explica que:

O território não é simplesmente uma variável estratégia em sentido político-militar o uso e o controle do território, da mesma maneira que a repartição real do poder, devem ser elevados a um plano de grande relevância também quando da formulação de estratégias de desenvolvimento socioespacial em sentido amplo, não meramente econômico capitalístico, isto é, que contribuam para uma maior justiça social e não se limitem a clamar por crescimento econômico e modernização tecnológica.

O território se constitui quando há poder empregado no espaço, o acampamento vai se transformando como força viva, como espaço de comunidade e de formação permanente.

Há um projeto de construção e transformação social, o qual constitui um território em movimento, cercado pelas contradições do campo brasileiro, a despeito do poder hegemônico do agronegócio, constrói-se a pauta de luta pela terra, reforma agrária e transformação social.

O MST luta pela transição do capitalismo para o socialismo, no processo da construção do mundo novo, trabalha em sua base a coletividade, a cooperação, o trabalho voluntário, os núcleos de base, o autosserviço como princípio educativo.

Na área de educação, o MST foi responsável junto com outras entidades pela elaboração de uma proposta pedagógica específica para o campo, denominada Educação do Campo. Esta educação trabalha a emancipação humana, os ciclos de formação humana, o conhecimento por área, as práticas de produção agroecológica, porém como é um processo em transição ele só se concretizará na revolução. Muito sábias as palavras de Souza, (2014, p. 103):

[...] separar dominantes e dominados, equivale no essencial, das duas uma: ou fazer demagogia política, ou a apontar na prática, para melhorias cosméticas, sem atentar o suficiente para as barreiras existentes no bojo da sociedade instituída [...] o discurso da emancipação, da tecnologia adaptada etc. cairá no vazio.

Enquanto existir a divisão da sociedade em classes sociais, sempre haverá dominação e acumulação. As políticas sociais dispensadas pelo Estado, servem para amenizar, ou seja, para acalmar os ânimos das massas descontentes, mas não resolvem os problemas referentes as privações, sejam eles de bens, ou do conhecimento acumulado historicamente pela humanidade.

É preciso ter presente que as pessoas ainda estão inseridas no modelo capitalista, dependendo e sendo influenciadas diretamente pelo sistema, assim como de certa forma sendo instruídas a seguir e lutar por um modelo que é opressor. Também há que se considerar que haverá campo para o oportunismo daquele cujo discurso é um e a prática é outra. Vale considerar que não se pode repetir os erros do socialismo utópico, criando colônias

separadas. É necessário ter presente o pensamento de Castoriadis (1983 apud. SOUZA, 2014, P. 105) quando afirma:

O comprometimento do “socialismo” com o modelo civilizatório capitalista, com seus valores como o produtivismo... não se percebeu que o que acabou foi a dominação, mas sim um tipo de dominação, também a exploração não teria cessado, mas apenas cambiado de forma, e o socialismo, não passaria de uma farsa grotesca.

Tratando-se da construção de um novo modelo de sociedade, o socialismo, (onde são construídos conceitos de igualdade e liberdade, perante a exploração e dominação), percebe-se que esse modelo a ser construído está engendrado em uma sociedade, permeada pelos domínios do patriarcado e alimentada por um sistema capitalista explorador.

As mulheres inseridas nessa realidade sofrem e enfrentam as mesmas dificuldades enfrentadas na sociedade, no interior dos movimentos sociais, visto que o poder dominador e opressor, só muda de lugar.

O MST passou a se definir como um movimento camponês, que assume uma postura crítica com relação a privatização dos recursos naturais e bens públicos, das modificações genéticas que possam ser usadas para prejudicar o meio ambiente.

A atuação do agronegócio na produção agrícola e no mercado, minimizam as possibilidades de atuação da agricultura familiar. A reforma agrária passa a ser vista como um meio para a superação da barbárie, o Movimento passa também a incentivar experiências como a agroecológica e cooperativismo.

Como caminho para a superação do sistema fundiário excludente, que visa para o campo um modelo que não inclui pessoas, projeta o êxodo do campo, para as periferias das grandes cidades, inchando cada vez mais as favelas engrossando as fileiras de mão de obra de reserva, luta-se para que as estruturas do sistema fundiário sejam modificadas, realizando reforma agrária em massa.

Para que a terra possa então cumprir sua função social, que é a produção de alimentos orgânicos, promovendo dessa forma a soberania alimentar.

O território condiciona os meios para o exercício das relações de poder, sua produção está atrelada as relações sociais, econômicas, culturais, políticas, naturais e espaciais.

O território do acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio, traz em si um potencial de superação de conflitos e possibilita a construção de uma nova forma de organização política, econômica, embora haja a necessidade de ruptura de culturas herdadas do sistema capitalista em vigência.

E como se constituem neste processo de construção do novo as relações econômicas e de poder entre os gêneros? Considero oportuno e perspicaz o pensamento de Beauvoir (2015, p.22):

Economicamente, homens e mulheres constituem como que duas castas; em igualdade de condições, os primeiros têm situações mais vantajosas, salários mais altos, maiores possibilidades de êxito do que suas concorrentes recém-chegadas. Ocupam, na indústria, na política etc., maior número de lugares e os postos mais importantes. Além dos poderes concretos que possuem, revestem-se de um prestígio cuja tradição a educação da criança mantém: o presente envolve o passado e no passado toda a história foi feita pelos homens. No momento em que as mulheres começam a tomar parte na elaboração do mundo, esse mundo é ainda um mundo que pertence aos homens. Eles bem o sabem, elas mal duvidam.

É salutar verificar as palavras dessa autora, pois percebo que a história está impregnada pela cultura do patriarcado e, portanto, o presente traz consigo bem vivo as construções de mundo, onde a consciência da mulher se constitui nesse mundo e a partir de seus conceitos.

Então, há necessidade de buscar e construir novos conceitos, novos valores, não com base nas diferenças de sexo, de gênero, porém na igualdade enquanto seres humanos.

3 CAPÍTULO II CONFLITO DAS MULHERES PELA SUA LIBERDADE

Neste capítulo apresenta-se o histórico de luta das mulheres na sociedade, sua resistência à opressão do patriarcado e do machismo, assim como todo o trabalho desenvolvido pelas mulheres do acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio, em Rio Bonito do Iguçu, Paraná, visando o seu empoderamento e visibilidade, na construção de sua identidade camponesa.

3.1 HISTÓRICO DE LUTA DAS MULHERES NA SOCIEDADE

As mulheres tiveram um papel significativo na organização/reorganização da sociedade na ancestralidade, porém historicamente foram inviabilizadas de desenvolver sua contribuição social, com o surgimento da propriedade privada, do Estado e da acumulação de capital.

Conforme escritos de Engels, (1884 p.61) “O homem apoderou-se também da direção da casa; a mulher viu-se degradada, convertida em escrava da luxúria do homem em simples instrumento de reprodução”.

As primeiras observações, de domínio e de poder exclusivo dos homens, foi observado na transição da forma do estado de natureza para patriarcado, a família passa então a ser submetida ao poder paterno, porém os cuidados com os filhos e as tarefas de provisão de alimentos cultiváveis e a fabricação de utensílios doméstico e a procriação, continuam sendo tarefa da mulher e esta torna-se prisioneira do lar, enquanto o homem sendo livre sai em suas aventuras de caça, pesca, guerra, poligamia, entre outros.

Nesta perspectiva analisa, Engels, (1884, p. 61) na Idade da Pedra, quando a terra era comum a todos os membros do clã as forças femininas estavam limitadas, pela rudimentariedade das ferramentas.

Simone de Beauvoir, (2009, p.70) afirma nessa mesma concepção, que: “nessa divisão primitiva do trabalho, os dois sexos já constituem, até certo ponto, duas classes; entre elas a igualdade. Enquanto o homem caça e pesca, a mulher permanece no lar”. Neste contexto da história já começa a desenhar a divisão sexual do trabalho. Beauvoir (2015, p. 70) continua explicando:

Mas as tarefas domésticas comportam um trabalho produtivo: fabricação dos vasilhames, tecelagem, jardinagem, e com isso ela desempenha um papel importante na vida econômica. Com a descoberta do cobre, do estanho, do bronze, do ferro, com o aparecimento da charrua, a agricultura estende seus domínios. Um trabalho intensivo é exigido para desbravar florestas, tornar os campos produtivos. O homem recorre, então, ao serviço de outros homens que reduz à escravidão. A propriedade privada aparece; senhor dos escravos e da terra, o homem torna-se também proprietário da mulher.

Assim, começam a aparecer, os primeiros indícios de divisão sexual do trabalho, onde as tarefas da mulher por estarem associadas ao trabalho doméstico, a subsistência, começa a não ter valor, mesmo sendo as mulheres na maioria das vezes responsável pela subsistência da família, a criação dos filhos, a procriação. O homem passa a enxergar o trabalho da mulher como sendo inferior ao seu, ao mesmo tempo em que a aprisiona em seus lares.

A partir da constituição da propriedade privada e da acumulação de capital, os recursos naturais, são dados um valor de mercadoria, sendo assim ao trabalho do homem fora de casa, é atribuído um grande significado, por ser esse gerador, de riqueza e acumulação. Esse homem, a partir de então escraviza outros seres humanos, dando origem a divisão social do trabalho e dividindo a sociedade em duas classes sociais, os que trabalham e os que se apropriam desse trabalho. Para entender o contexto do patriarcado dialoga-se com Saffioti (2004, p.48), quando ela explica que:

O ser social, à medida que se diferencia e se torna mais complexo, muda sua relação tanto com a esfera ontológica inorgânica como com a esfera ontológica

orgânica, elevando seu controle sobre ambas. Os seres humanos, que tinham uma relação igual e equilibrada entre si e com os animais transformaram-na em controle e dominação. O patriarcado é um dos exemplos vivos deste fenômeno.

O patriarcado tem ampliado sua capacidade de se fortalecer, desde o modo como são realizadas as explorações do meio ambiente, a destruição do planeta terra em nome da acumulação de capital, relações essas que permeiam também, as relações sociais.

Para Saffioti (2004, p. 48) “o patriarcado não se trata de uma relação privada, mas civil, é ele que dá direitos sexuais aos homens sobre as mulheres, estabelece hierarquia nas relações, está impregnado em todos os espaços da sociedade, manifesta-se tanto na ideologia quanto na violência”. Essa ideologia do patriarcado constitui também a base da divisão sexual do trabalho. Continua explicando Saffioti (2004, p. 48) “Quanto a mulher e os filhos, ele fortalece os laços do patriarcado, impregnado desde o nascimento, de opressão e de dominação sobre o sexo e os mais frágeis”.

Nesse sentido escreve Toledo (2007, p.12) “Vivemos em uma sociedade em que as diferenças sociais são transformadas em desigualdades sociais”. Nessa sociedade em que as mulheres são consideradas o sexo frágil, delicadas, submissas e condicionadas a uma posição de inferioridade, desde o nascimento, em relação aos homens, existe uma hierarquia fundamentada e estabelecida pelo patriarcado, durante os séculos, que sucederam o surgimento da propriedade privada.

Apesar das batalhas travadas o longo da história, as mulheres têm perdido o seu lugar em algumas esferas da sociedade, considerando que elas não entregaram o matriarcado consensualmente, elas foram destronadas pelos homens, mediante violência ao longo dos séculos.

É importante dialogar com Muraro e Boff (2002, p. 19, 20) “O ‘destino manifesto’ do patriarcado já há quatro mil anos foi sempre este: *dominium mundi*, buscar assenhorar-se dos segredos da natureza, para submetê-los aos interesses humanos e fazer-se mestre e possuidor de todas as coisas”.

Lembrando que o patriarcado considera a mulher como coisa, propriedade sua. No entendimento certo de Guarnieri e Kunrath (2015, p. 09):

O protagonismo das mulheres, com a divisão sexual do trabalho, foi se transformando e ela começa a perder espaço dentro da sociedade, a agricultura sofre mudanças e quem assume o papel de comando são os homens, mesmo sendo as mulheres as responsáveis pela descoberta da agricultura.

De outra banda Souza e Lobo, (2003 p.23, apud TOLEDO, 2007) entende que o “determinismo biológico vem sustentando argumentos biologizantes que desqualificam as mulheres, tanto do ponto de vista corporal quanto intelectual”.

Muito acertada a explicação de Beauvoir (2015, p.17) “Não posso ser justa em relação aos livros que tratam da mulher como mulher [...]. Minha ideia é que todos, homens e mulheres, o que quer que sejamos, devemos ser considerados seres humanos.”

Raciocinando no mesmo sentido Saffioti (2015, p.57) mostra claramente a noção de relações hierarquizadas entre seres com poderes desiguais, onde as origens da desigualdade estão presentes nas diferenças sexuais, do ser macho ou ser fêmea, diferenças estas manifestadas em forma de subordinação histórica das mulheres.

Neste sentido, “as relações patriarcais, suas hierarquias, sua estrutura de poder contaminam toda a sociedade, o direito patriarcal perpassa não apenas a sociedade civil, mas impregna também o Estado”. (SAFFIOTI. 2015, p.57). Ainda há muita luta pra se fazer dentro das estruturas de poder constituídas na sociedade.

3.2 TERRITÓRIO DE LUTA DAS MULHERES, NO ACAMPAMENTO HERDEIROS DA TERRA DE 1º DE MAIO

Na afirmação de Souza (2008, p. 81) “Territórios existem e são constituídos (e desconstruídos) nas mais diversas escalas [...]”.

O território onde está localizado o acampamento Herdeiros de Terra de 1º de Maio, foi constituído pela empresa Votorantim na década de 50, através de um acordo com o governo do estado onde a empresa faria uma estrada de ferro nesta região garantindo o progresso e fazendo a abertura da fronteira, em troca a empresa se apropriaria de uma extensão de 150 Quilômetros de terras na fronteira.

Porém ela se apropriou das terras, constituindo seu território de domínio e exploração de madeira nativa, mas não cumpriu o acordo da construção da ferrovia.

Após análise da documentação verificou-se serem essas terras da União. Assim, com a ocupação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra o território da Araupel S/A, utilizado pelo capital para a reprodução do modelo do agronegócio é desconstruído pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e faz gradativamente a mudança para uma outra cultura, ou seja, um novo modelo de produção, entre outros fatores à construção de outro território neste mesmo espaço. Souza (2008, p.81), explica que

[...] território são construídos (e desconstruídos) dentro de escalas temporais as mais diferentes: séculos, décadas, anos, meses ou dias; territórios podem ter um caráter permanente, mas também podem ter uma existência periódica, cíclica. [...] o território está presente em toda espacialidade social, ao menos enquanto o homem também estiver presente.

Tratando-se de território, este está fortemente representado pela questão de domínio e de poder e tem sido constituído, nos moldes do sistema capitalista excludente, estando em processo de constituição/desconstituição.

As mulheres trabalhadoras, pertencentes ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, têm pautado as suas reivindicações, igualdade política, essas mulheres lutam, seja como militante nos movimentos sociais, como mãe, educadora, camponesa, médica, e tantas outras formas de contribuir com a causa que é de todas, ou ainda assumindo cargos políticos dentro do Estado (dessa forma atendendo às demandas das mulheres trabalhadoras).

Essas mulheres lutam por igualdade econômica e social. Lutam pelo direito e pelo dever de participar das atividades vinculadas ao trabalho, à política e à educação, lutam por igualdade econômica, inserção das mulheres, no campo ou na cidade, lutam pela construção desse novo modelo de sociedade, baseado na igualdade, na agroecologia⁶ e na soberania alimentar.

4 CAPÍTULO III O PODER E A EMANCIPAÇÃO

A partir dessas observações é possível construir um esboço a respeito do assunto o qual necessita ser aprofundado a partir dos conceitos básicos. Observa-se que ainda se vive em uma sociedade em que as diferenças entre homens e mulheres são transformadas em desigualdades sociais.

Em diálogo com Saffioti (2015, p.57), há o entendimento de que nessa sociedade as mulheres são submetidas a uma condição de inferioridade, constituídas estas hierarquias, pelo patriarcado e estabelecidas entre os gêneros, onde o masculino domina e prevalece sobre o feminino.

No entendimento de Saffioti (1995, p.89) “O poder apresenta duas faces: a da potência e a da impotência. As mulheres estão socializadas para conviver com a impotência,

⁶ Agroecologia refere-se a “um conjunto de conhecimentos sistematizados, baseados em técnicas e saberes tradicionais (dos povos originários e camponeses). (DICIONÁRIO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO, 2012, p.57).

os homens sempre vinculados a força, são preparados para o exercício do poder”. Porém ainda afirma Saffioti (1995, p.89) “Acredita-se ser no momento da vivência da impotência que os homens, praticam atos de violência”. Quando estes cometem violência, é porque sentem-se atingidos em sua virilidade, estão sobre o efeito da impotência e agem como forma de reverter a situação.

A luta das mulheres se diferencia, das demais lutas na sociedade, porque ela está impregnada de sentimentos pelo seu opressor.

De suma importância a afirmação de Simone de Beauvoir (2005, p.20) “Os proletários fizeram a revolução na Rússia, os negros, no Haiti, os indochineses bateram-se na Indochina: a ação das mulheres nunca passou de uma agitação simbólica”. Ressalta ainda a autora, que as mulheres, “só ganharam o que os homens concordaram em lhes conceder; elas nada tomaram; elas receberam”.

Fica claro que elas por estarem envolvidas afetivamente, ter uma relação familiar, ter filhos, preocupar-se com os bens, enfim ter uma vida de “cumplicidade”, de dedicação, elas acabam se acostumando a essas situações e deixam de viver as suas vidas e passam a levar a vida que os homens lhe impõe, esquecendo-se da sua própria vida.

A mulher da classe trabalhadora, hoje, tem tentado se emancipar, ser independente, trabalhando dentro e fora de casa, estudando, lutando e assumido dupla ou tripla função dentro da sua condição social e se sobrecarregando. O homem avança quando a mulher tenta uma forma de libertação. A questão da divisão sexual do trabalho ainda é um tabu em nossa sociedade? Trago o entendimento de Saffioti (2015, p. 60) a qual ressalta que:

Entendido como imagens que as sociedades constroem do masculino e do feminino, não pode haver uma só sociedade sem gênero. A eles corresponde a uma certa divisão social do trabalho a eles conhecida com divisão sexual do trabalho, na medida em que ela se faz obedecendo ao critério do sexo.

Para se preservar o rigor conceitual, usa-se a expressão categoria do sexo, referenciando homens e mulheres, como sendo grupos distintos, embora a gramática os defina pelos gêneros masculino e feminino. O gênero, está permeado de imagens que a sociedade em si constrói do masculino e feminino. “Neste sentido, o conceito de gênero pode representar uma categoria social, histórica, se tomado em sua dimensão meramente descritiva, ainda que seja preferível voltar a velha expressão categoria de sexo”. É o que revela Saffioti (2015, P. 117).

Trago as palavras acertadas da filósofa francesa Simone Beauvoir (2005, P. 266), “não se nasce Mulher torna-se mulher”. A fêmea por possuir características biológicas mais

frágeis e por esse ser um entendimento, atravessado em suas concepções ao longo da história, perdeu o sentido verdadeiro de “ser mulher”, colocando-se em uma posição de inferioridade, submissa, incapaz, símbolo sexual.

O modelo de mulher que a sociedade exige vai se modificando ao longo da história, acompanhando as tendências do momento vivenciado, da moda, dos costumes e do lugar. Muitas a mulher apenas cumpre o papel de interpretar, as imposições feitas a ela no âmbito social, como se a vida fosse apenas a representação em um palco.

Ser mulher é uma identidade que vai além de si mesmas? É uma construção baseada em escolhas e lutas, na busca por igualdade de direitos, por dignidade e respeito. Nascemos fêmeas, porém nos tornamos mulheres quando ocupamos nosso espaço na sociedade. Trata-se da construção da identidade da mulher enquanto sujeito social, Beauvoir (2005, p. 266), Afirma:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino.

Há a intenção de problematizar, o que é o ser mulher? Esse conceito preestabelecido varia de acordo com cada sociedade, geralmente se constrói um estereótipo para o feminino onde esta precisa ser delicada, frágil, sentimental, indefesa, entre outros.

Considera-se ainda que são pré-determinados, os conceitos e características do que vem a ser um código de conduta, de como a mulher deve agir no mundo, ou se portar diante do outro.

A mulher tem sido o que os homens determinaram que ela fosse ao longo da história. O biológico é mais ou menos determinado, nascer mulher é mais do que o biológico, nasce de uma identidade cultural e de um processo e de uma produção, neste sentido, a mulher deve ser estimulada a ter um determinado comportamento.

. Acentuando cada vez mais o abismo financeiro entre ricos e pobres. O modelo de produção capitalista é definido como um sistema que traz em si uma organização da sociedade, dividindo está em duas classes sociais (burguesia e trabalhadores).

Esse modelo excludente de produção constitui-se mediante a exploração da força de trabalho, na propriedade privada dos meios de produção, na comercialização das mercadorias produzidas, concentrando lucro e mais valia.

Nesta perspectiva pode-se afirmar que o capitalismo traz em si uma cultura de violência, pois visa fortalecer as diferenças entre povos, etnias e também entre os papéis do homem e da mulher na sociedade, possibilitando a exploração de uns sobre os outros.

O sistema capitalista propaga sua ideologia de dominação, através da educação, da religião, dos meios de comunicação e não sendo esses suficientes ao consentimento das massas, apela para o aparato repressivo do Estado o qual age pela coerção e pela força.

O poder tem hierarquia do mais forte sobre o mais fraco, do rico sobre o pobre, do homem sobre a mulher, do adulto sobre a criança. Pode-se afirmar também, a existência nesse sistema, da dominação dos bens naturais e comuns, colocados sobre a condição de mercadoria, fortalecendo a base do sistema capitalista.

No processo de construção de uma nova identidade, há uma necessidade de renúncia da identidade constituída, onde os conceitos foram constituídos segundo os idealizadores desta sociedade, não foram concebidos pelas pessoas, as quais estão submetidas a eles, para Adorno (1985, Apud FERRARI, 2006, p. 1-8) se faz necessário, um rompimento com este estereótipo, quando ele afirma que:

A identidade ilustra tal rompimento nos lembrando da Odisseia vivida por Ulisses. No final da longa jornada do herói, que busca (re)conquistar sua identidade, é necessário que ele negue parte de quem foi, parte de seu eu, disfarçando-se. O disfarce acaba por revelar a Ulisses suas facetas até então desconhecidas. De modo geral, as aventuras dos heróis gregos nos remetem a este tipo de situação: ao se tornar autônomo frente ao destino (ou seja, às forças da natureza) o herói se descobre, de forma renovada.

Entende-se ser necessário o protagonismo daqueles que lutam pelos seus direitos, entendendo que o processo de renúncia do velho e construção/reconstrução do novo é longo e trabalhoso.

As mulheres do acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio, participaram do Setor de Gênero⁷, nos anos que permaneceram no acampamento, com a finalidade de compreender o que é identidade de gênero.

As Nações Unidas recentemente escrevendo uma cartilha entendendo o que significa identidade de gênero, com orientações para os governos e os meios de comunicação (ONU 2017, p. 1), assim:

⁷ O Setor de Gênero do MST. Sem dúvida o MST é um dos Movimentos que mais mobiliza Mulheres para a luta no Brasil. É uma organização que se propõe a reunir famílias para lutar pela terra, por isso as mulheres estão presentes desde os primeiros acampamentos.

“A identidade de gênero se refere à experiência de uma pessoa com o seu próprio gênero. Indivíduos trans possuem uma identidade de gênero que é diferente do sexo que lhes foi designado no momento de seu nascimento. A identidade de gênero é diferente de orientação sexual.”

As mulheres que constituem o acampamento, são advindas dos mais variados lugares do Brasil e até mesmo de outros países e de realidades distintas, porém com experiências comuns para serem tratadas, conforme analisa Dussel (1995, apud OLIVEIRA; SILVA, 2012 p. 18) quando afirma:

Porque a experiência inicial da Filosofia da Libertação consiste em descobrir o “fato” opressivo da dominação, em que sujeitos se constituem “senhores” de outros sujeitos, no plano mundial (desde o início da expansão europeia em 1492; fato constitutivo que deu origem à “Modernidade”), (elites massas, burguesia nacional classe operária e povo); no plano erótico (homem-mulher).

Entende-se que as questões de opressão e dominação precisam de uma atenção maior dentro dos movimentos sociais, por tratar da base para a construção de uma nova sociedade, mais justa e igualitária. Neste sentido a bandeira de luta das mulheres, traz em sua pauta reivindicações como a libertação destas. Para entender como a libertação da mulher ocorre, segundo (VIEIRA 2005, p. 203), quando:

“Os sujeitos, portanto, resultam de experiências pessoais em diferentes eventos e de processos contínuos de mudanças. Quanto à discussão do modo de agir do sujeito na constituição da identidade, cabe dizer que é difícil acreditar em sujeitos completamente livres ou totalmente assujeitados. É preferível falar de sujeitos ativos que se tornam assujeitados em alguns momentos e que são, em determinados papéis, responsáveis pela constituição da identidade.

Verificou-se que se exige uma ação dos sujeitos na construção da identidade, no querer fazer ou ser de forma diferente, o sujeito, precisa sair de sua zona de conforto, ou seja, buscar novas alternativas. (SILVA et. al. 2005, p. 1-12) faz suas afirmações:

Desde a colonização do Brasil, o papel da mulher brasileira perpassa por funções às vezes exóticas, ora degradantes e até desumanas. Elas foram admiradas, temidas como representantes de Satã e foram reduzidas a objetos de domínio e submissão por receberem um conceito de não-função, tendo sua real influência na evolução do ser humano, marginalizada e até aniquilada.

Percebe-se que o papel das mulheres foi sempre determinado pelo outro, como se elas fossem incapazes de ser protagonistas de sua própria história.

Sobre a ótica Del Priore (2001, p.46), “entende que no Brasil colonial, abafar a sexualidade feminina seria o objetivo de leis do Estado, da Igreja, e o desejo dos pais” [...] sobre os temores da sociedade, continua explicando ainda o autor: “[...] visto que ao

arrebrantar as amarras [...] a sexualidade feminina [...] ameaçava o equilíbrio doméstico, a segurança social e a própria ordem das instituições civis e eclesiásticas”.

Por estarem estas mulheres inseridas em uma sociedade constituída sobre as bases de um velho sistema, ainda predominam as questões de submissão do sexo feminino ao masculino, neste contexto afirma Silva et al. (2005, p.1-12) sendo que:

Mesmo no Brasil recente, existiam diferenças entre homem e mulher, relacionando sua submissão a sua estrutura física e biológica. Se a diferença entre gêneros era voltada para a relação anatômico fisiológica, o sexo político-ideológico vai comandar a oposição e a descontinuidade sexual do corpo, dando arcabouço, justificativa e até impondo diferenças morais aos comportamentos masculinos e femininos, estando em acordo com a exigência de uma sociedade burguesa, capitalista, colonial, individualista e imperialista existente, também, nos países europeus.

Entendo que essas diferenças acima citadas continuam a existir, com a submissão da mulher ao pai e depois ao marido. Como essa ideologia de subordinação tem sido inculcada a esta sociedade, as mulheres lutam contra opressão e também por libertação financeira, como forma de resistência.

Estas tem buscado formação profissional, onde os estudos contemplam desde o EJA, fase de alfabetização, ensino superior e cursos de qualificação profissional. Superando desta forma a exclusão educacional a que foram submetidas as mulheres pobres no Brasil.

Onde muitas vezes a única renda familiar advém do trabalho da mulher e esse meio de subsistência mantém a família acampada, até o momento da chegada na terra.

Porém muitas vezes aqueles aos quais estas estão submetidas, não enxergam a realidade desta forma. Muitas mulheres sofrem dificuldade e discriminação por parte de seu marido, quando estas saem para estudar ao insinuarem que estas estão indo após outros objetivos. Nesta concepção Dália (p. 375, p. apud FERREIRA2016, p.552)

Se as mulheres hoje são maioria no meio educacional, é preciso considerar a luta de mulheres que vieram antes de nós, que pavimentou esse terreno, tornando mais fácil o caminhar. Apesar do avanço é preciso considerar também que a cultura machista ainda faz sombra sobre o desejo das mulheres de viver suas vidas com liberdade. (Ferreira, 2016, apud.

Para melhor se entender a dinâmica das relações sociais de gênero, postula-se aqui que as estratégias de resistência e acomodação traduzem uma resposta à opressão e às contradições a que os oprimidos e explorados estão expostos.

É rara a aceitação ou rejeição completa de atitudes e comportamentos apropriados aos papéis sexuais e/ou a outras situações de opressão e exploração. “Com isso, denuncia-se que a passividade feminina é um mito e que as mulheres, mesmo que de formas não explícitas ou não-verbais, resistem à opressão”. (ANYON, 1990, p. 12).

Apesar de toda resistência quanto ao papel de liderança da mulher, na atualidade encontram-se exemplos de existência/resistência do matriarcado. Moller (2010, P. 683)

Ressalta ainda:

Imagine-se um local onde são as mulheres a mandar. O dinheiro, as propriedades e a riqueza pertencem às mulheres e às suas filhas herdeiras. Não existem maridos, porque não existe matrimônio. As mulheres podem escolher quantos parceiros desejarem e são elas a impor quando, onde e em que condições se dão as relações sexuais. Os filhos são criados pelas mulheres. São estas que trabalham arduamente, muito mais do que os homens, os quais assumem um papel secundário, para tratar de algumas questões políticas da comunidade. O nome da mulher é que se perpetua, não o do homem. Não existe violência ou guerra, pois as mulheres não lhe conferem qualquer valor. O desapego material é, aliás, um predicado deste povo, que prefere viver em harmonia com a Natureza.

As mulheres possuem características especiais, que determinam o seu poder de liderança, mas quais seriam esses atributos? Teixeira (2001, p. 168) chama a atenção para:

As mulheres tendem a adaptar um estilo mais democrático e encorajam mais a participação, com partilha do poder e da informação, e o desenvolvimento dos subordinados. Enquanto que os homens têm tendência para usar um estilo de comando e controle mais apertado, a atuação da mulher líder baseia-se mais no seu carisma, competência, contato e capacidade de relacionamento para influenciar o comportamento dos subordinados.

A superação da invisibilidade das mulheres rurais e seu reconhecimento como sujeito político ganhou espaços em organizações sociais mistas, como sindicatos, associações e cooperativas.

“A inserção das mulheres em movimentos sociais do campo possibilitou a abertura de discussões sobre os modos de vida naturalizados no cotidiano, bem como o repensar posições discursivas associadas a opressão e violência dentro do contexto familiar e comunitário”. Paulilo e Silva, (2007 apud PRADO, CAMPICI e PIMENTA, 2004, p 6).

Segundo Sales (2007, p.437) a participação das mulheres nos movimentos sociais contribui para que elas repensem a tradicional divisão sexual de papéis e atribuições relacionados a família e ao trabalho. Neste sentido (SALES, 2007, p. 437) afirma que:

A presença das mulheres rurais na produção agrícola familiar é um fato. Mesmo na invisibilidade, não se pode negar que elas estão ocupando terras, plantando, colhendo, e cultivando o desejo de ter uma terra livre e usufruí-la com seu trabalho. Presentes na casa, no quintal, na roça e na luta pela terra, as mulheres tiveram ainda de lutar pelo direito de serem reconhecidas como trabalhadoras.

Todas as mulheres são protagonistas de sua história, mesmo não sendo percebidas, elas estão lá inseridas na realidade, no cotidiano, como ouvintes/observadoras, como participantes da construção de uma nova forma de viver, criando resistência, se

empoderando, enriquecendo seus conceitos, ora avançando, em outros momentos retrocedendo, porém se organizando e somando forças para vencer esta batalha.

4.1 PESQUISA E A ANÁLISE DA HISTÓRIA DE VIDA

A metodologia do trabalho de pesquisa será de natureza teórica e empírica, com tratamento qualitativo dos dados, com histórias de vida e entrevistas. Esta pesquisa contemplará 2 entrevistas semiestruturadas, com pessoas diretamente envolvidas, no processo de ocupação da fazenda Araupel S.A. Mulheres participantes do processo de construção dessa identidade política da mulher, dentro do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra e aqueles/as que contribuem diretamente com este processo de conscientização e formação da identidade das mulheres. E também contemplará 3 histórias de vida de mulheres camponesas envolvidas neste processo de organização.

Além disso, serão utilizadas a técnica de revisão bibliográfica com consulta a biblioteca, periódicos, livros e documentos.

Esse método de história de vida é explicado por Marilena Chauí (1987, p. XXI) quando explica:

Em termos gerais, o método de história de vida participa da metodologia qualitativa biográfica na qual o pesquisador escuta, por meio de várias entrevistas não diretivas, gravadas ou não, o relato da história de vida de alguém que a ele se conta. Nesse processo, a relação entre pesquisador e aquele que narra sua história é um ponto essencial e só acontece na presença de um vínculo de confiança mútua que é construído ao longo de um processo. Ao fim da escuta, todo o material é transcrito e discutido entre o sujeito participante e o pesquisador, que, a partir de então, fará um mergulho analítico para buscar identificar naquele material as pistas que o ajudarão a tentar responder suas questões de pesquisa. "É retomar a reflexão de outrem como matéria-prima para o trabalho de nossa própria reflexão".

A seguir apresenta-se a pesquisa realizada com 6 mulheres do campo, com o relato oral de suas histórias de vida, mulheres residentes no pré-assentamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio, no município de Rio Bonito do Iguaçu no Paraná. Por questão de sigilo elas serão apresentadas com nomes fictícios, preservando as suas identidades.

O sol despontava no horizonte, era 1º de maio dia do trabalhador, feriado nacional, no ano de 2014. Em um terreno improvisado, chegavam caminhões, carros, motos e pessoas a pé. O que se assemelhava a um formigueiro, eram pessoas de todas as idades, raças e cores.

Alguns abriam buracos no chão, para plantar o alicerce de seus barracos, outros carregavam madeira, lona, ferramentas, crianças de colo, fogão, panela, alimento e balde com água.

Em meio a muitas vozes, risos, choro de crianças e marteladas, em poucas horas erguiam-se todos os barracos, os quais serviriam de abrigo e proteção, não só das pessoas, mas também dos sonhos.

As pessoas estavam animadas, mesmo na incerteza dos dias que viriam, pois começava ali de maneira física e palpável, como prova viva a concretização de um sonho, o tão esperado sonho de retornar ao campo, para muitos, porém de ter o seu pedaço de chão era o objetivo comum. Dava-se o início do acampamento-base.

O processo de constituição da identidade das mulheres no acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio, se deu gradativamente ao longo dos anos em que elas permaneceram no acampamento a espera de um pedaço de chão.

Segundo Marilena Sanches, coordenadora do Coletivo Regional de Mulheres:

Desde a constituição do acampamento foi deduzido que, existiam aqui uma constituição familiar com muitas mulheres, inclusive muitas mulheres, que são elas responsáveis pela organização da família, a partir disso e dos princípios do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terras, começa-se fazer um processo de organização destas mulheres já no acampamento-base.

As mulheres que formaram o acampamento-base, para posteriormente ocupar a fazenda Araupel S/A, são oriundas de vários estados do Brasil e de alguns países vizinhos.

É o caso de Elizete Soares, em seu relato, emocionada fala das dificuldades enfrentadas na vida desde a sua infância, primeiramente por ser mulher, pobre e também pelo direito a educação que desde cedo lhes foi negado. A este respeito Elizete Soares, 36 anos, mãe de 2 filhos, professora, camponesa, manifesta-se:

Nasci em Quedas do Iguaçu e aos 3 anos de idade fui morar com minha família no Paraguai e morei lá até os 9 anos, porém nesse tempo de escola, que já precisava estudar, eu não tive acesso à escola, porque era muito longe e não tinha recursos financeiros, então meus pais me mandaram pra Foz do Iguaçu na casa da vó, pra poder estudar, eu estudei a 1ª série e passei pra 2ª e aí voltamos pra casa. Nesse tempo meu pai já tinha mudado de lugar e sem comunicação, enfim, voltamos e ele me colocou estudar numa escolinha próxima, mas naquela época era muito difícil os estudos e até porque era em outro país, não aprendia muita coisa e estudamos um mês, eu e meus irmãos que já estavam em período de escola e voltamos pra casa da vó novamente e estudamos mais um ano. Então nesse tempo eu já estava com 12 anos e ainda na 3ª série sem passar (fala aqui dos anos de reprovação) por causa das dificuldades de ficar sem estudar e da importância que meu pai dava para uma filha mulher estudar era mínima, não se importava, apesar que até hoje continua não se importando, mas aí em 1996, surgiu o primeiro acampamento aqui em Rio Bonito do Iguaçu. Minha mãe veio se acampar, trouxe dois irmãos meus e eu com 12 anos fiquei com 3 irmãos em casa, um que ela tirou do peito pra poder ir se acampar, fiquei fazendo papel de mãe com 12 anos. Cuidando do pai, dos peões que trabalhavam com ele de arrendatário na terra dos outros.

Nesse sentido escreve Toledo (2007, p.12) “Vivemos em uma sociedade em que as diferenças sociais são transformadas em desigualdades sociais”. Nessa sociedade em que as mulheres são consideradas o sexo frágil, delicadas, submissas e condicionadas a uma posição de inferioridade, desde o nascimento, em relação aos homens, existe uma hierarquia fundamentada e estabelecida pelo patriarcado.

Elisete Soares continua falando de sua dificuldade na tentativa de superar, sua defasagem de ensino:

Após seis meses o pai veio com os irmãos se acampar, acompanhar a mãe, me deixou em Foz do Iguaçu com uma tia, porque, segundo ele a vida de acampamento não era fácil, principalmente pra uma filha mulher viver no meio de um monte de homens desocupados, mas fiquei só um mês e insisti em vim com eles. Durante o acampamento não fui pra escola novamente porque, Rio Bonito do Iguaçu, era tão pequeno não comportava todas as crianças que tinha no acampamento, então foi selecionado alguns dos alunos e nós não se enquadraria no perfil dos alunos que foram escolhidos por eles. Depois que surgiu a escola Vanderlei das Neves, no acampamento, então fui fazer a 3ª série, com 13 anos. Passei pra 4ª série, não concluí, porque eu já estava com a idade muito avançada, então eu fiz uma reclassificação que na época se chamava correção de fluxo e passei pra 5ª ai eu nesse tempo já fiz 5ª, 6ª e 7ª série, passei pra 8ª e fiz essa série regular. As dificuldades não paravam por ai, a vida no acampamento não era fácil, ai o pai foi pro lote as dificuldades financeiras continuavam, porque pra quem tinha 6 crianças, era mais complicado ainda. Aos catorze anos saí de casa, pra poder estudar fora, pra manter meus estudos, porque eles não tinham condições de me manter, trabalha só pros estudos, porém não consegui me manter, tive que parar de estudar e só trabalhar. Aos 17 anos acabei engravidando, logo após o nascimento de minha filha, voltei pra casa de meus pais. Voltei a estudar novamente, fiz magistério a distância, consegui concluir o ensino médio. As dificuldades não paravam.

A necessidade, a falta de oportunidades no campo, a exclusão social como resultado da distribuição de renda desigual, fizeram com que Elisete, fosse para cidade em busca de uma vida melhor.

Fui morar em Florianópolis, Santa Catarina, porém enfrentei muita dificuldade para conseguir meu primeiro emprego de carteira assinada, porque sempre trabalhei, mas de escrava pros outros. Lá eu trabalhei de serviços gerais, operadora de telemarketing, supermercados. Mas sempre pagando aluguel, a filha sempre jogada, na casa de parentes, amigos, creches. Fiz um curso de enfermagem e então eu consegui arrumar um bom trabalho e então passei a trabalhar dia e noite, pra dar uma vida melhor pra minha filha. Me casei novamente. Conseguíamos ter uma vida razoável, até surgir a oportunidade de vir se acampar no acampamento, Herdeiros da Terra de 1º de Maio. Superação, no acampamento surgiu a oportunidade de trabalhar na escola, em meio à turbulência, com ameaças de despejo a todo momento, o trabalho era voluntário, porém era de luta e resistência.

“Por isso, a transformação social de uma sociedade capitalista em uma sociedade que seja humana com todos os seus membros não é possível sem uma mudança social na posição e no poder das mulheres”. (ANYON, 1990, p 12).

Como é o caso das mulheres pertencentes a classe trabalhadora, mesmo diante das negações do sistema capitalista elas continuam a ascender em seus objetivos.

Porém Elisete Soares não para por aí:

o meu sonho sempre foi, eu ter recursos e um dia fazer um curso de medicina, mas eu nunca tive a oportunidade, então a primeira oportunidade que tive foi na Universidade Federal da Fronteira Sul, onde surgiu a oportunidade de fazer o vestibular e passar num curso de Licenciatura em Educação do Campo Ciências Sociais e Humanas, então no início foi muito bom entrar no curso, teve todo o apoio da família, marido apoiou que é uma maravilha, mas com o passar do tempo com as questões das alternâncias davam um desgaste, então isso foi desgastante e aquele marido, que apoiava se tornou um..., como se fosse uma pedra no caminho. Os quatro anos de curso foram de choro, porque era opressão, ele dizia, porque estava indo pra faculdade atrás dos “novinhos”, da piaçada, lá num é lugar pra mulher casada, mulher com filhos. Nesse tempo realmente veio mais um filho, aí todas as etapas levando filho no braço, todas as etapas o filho dentro da sala de aula e marido em casa, por mais que não tenha nada num acampamento pra um homem fazer, era guaritas e chimarrão, mas eles sempre se reuniam, pra diminuir as mulheres que estavam estudando. Como eu estava sempre procurando um motivo para permanece no acampamento, aí isso já era caso de traição, que você só faz as suas escolhas, não escolhe pela família. Eu sofri muito e ainda sofro. Porém a luta e a resistência continuam.

Para Vieira (2005, p. 213) a libertação da mulher ocorre quando “Os sujeitos, portanto, resultam de experiências pessoais em diferentes eventos e de processos contínuos de mudanças”.

E continua o autor a defender, seus conceitos dizendo que: É preferível falar de sujeitos ativos que se tornam assujeitados em alguns momentos e que são, em determinados papéis, responsáveis pela constituição da identidade.

Ferreira (2016, p. 658), “Apesar do avanço é preciso considerar também que a cultura machista ainda faz sombra sobre o desejo das mulheres de viver suas vidas com liberdade”.

O desejo de liberdade, e a necessidade de fugir da violência dos grandes centros, fez com que Bruna Medeiros, 38 anos, mãe de 3 filhos, casada e camponesa, fizesse o caminho contrário do êxodo rural.

Eu digo que eu sou filha do êxodo rural da década de 74, 75. Teve uma grande geadada no estado do Paraná, meus pais foram embora pra São Paulo, pra não morrer de fome aqui, e eu cresci lá numa casa apertada, pequena, só tinha um corredor pra brincar. Cresci ouvindo histórias do campo, das brincadeiras. Por mais da pobreza de meus pais, num ter o sapato, a infância deles era muito mais rica que a minha, que morava na cidade e era presa, bandidos solto na rua e as pessoas, presa atrás dos cadeados, nas casas. Aquilo enraizou uma vontade de viver na terra e em 2014 eu vim pro Paraná, vim conhecer o acampamento, e só voltei fazer as malas.

A história de Bruna Medeiros, representa o desejos de muitas pessoas, que vivência, a pobreza, a miséria, a exclusão social resultantes da má distribuição de renda, gerados pelo

capitalismo. Acompanhado de a identidade com a terra, ela vê no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, a oportunidade, de reconquistar a sua liberdade.

E este mesmo objetivo que despertou mulheres oriundas de vários lugares, que também motivou dona Isabel Barbosa, casada, mãe de 3 filhos, viesse de Toledo, para Rio Bonito do Iguaçu, com a finalidade de se acampar. Como nos revela o relato abaixo:

Morei toda a minha infância no campo, a vida era muito difícil, pra estuda tinha que andar cinco quilômetros pra pegar o ônibus escolar, pra ir estuar na cidade e quando voltávamos da escola trabalhava até a noite. A situação financeira não era fácil, pois eu era a filha mais velha dos nove filhos. Por insistência de minha mãe fomos se acampar, conseguimos um pedaço de chão e a nossa vida se transformou, pois tinha conquistado a terra, casa, recursos do governo, e passamos a produzir muita comida. Eu quando jovem fui para a cidade, morei lá 25 anos, enfrentei muitas dificuldade, porém não esqueci, do amor pela vida no campo e pela liberdade que a terra te dá. No acampamento, durante esses cinco anos, participei das reuniões e formações, plantei, colhi e cuidei de meus filhos, estudei, me tornei professora. Eu pensava, o que eu ia fazer no acampamento durante esses anos que antecederiam a chegada na terra.

Sales (2007, p.437) afirma que “Mesmo na invisibilidade, não se pode negar que elas estão ocupando terras, plantando, colhendo, e cultivando o desejo de ter uma terra livre e usufruí-la com seu trabalho”.

Apreendi muitas coisas, mudei conceitos, me doe mais, convivi com pessoas de diferentes personalidades, tudo isso vai te moldando, aprendi que a vida e as relações humanas, devem ser olhadas com mais atenção, porque tudo aquilo que é material, é temporal e as relações você leva pra vida toda.

Identidade para Adorno (1985, Apud FERRARI, 2006, p. 1-8) se faz necessário, um rompimento com este estereótipo, quando ele afirma que a identidade ilustra tal rompimento, que o sujeito o final da longa jornada de busca por (re)conquistar sua identidade, é necessário que ele negue parte de quem foi, parte de seu eu.

Nas palavras de Sílvia Morais, coordenadora do setor de gênero do acampamento. Ela afirma que as mulheres devem ter autonomia em relação a terra e ao trabalho

Através da escola de mulheres e dessas formação, que nós conseguimos na verdade uma das conquista bem grande, que nós temo e acredito que ainda, quando vim essas questão do lote, né vem tudo no nome das companheira, não vem mais no nome dos companheiro, os créditos vem tudo no nome das companheira, então esse é um avanço bem grande que nós tivemos. Mais também na questão da agroecologia, a mudança, o pouco que nós tem hoje aqui dentro do nosso espaço de acampamento é sobre essas formação, a questão da agroecologia vem empoderando principalmente as mulheres que estão se inserindo.

A luta das mulheres dentro do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, esta, sempre em movimento, como nas palavras de Prado, Campici e Pimenta, (2004 apud. PAULILO e SILVA, 2007, p. 399-417). “A superação da invisibilidade das mulheres rurais

e seu reconhecimento como sujeito político ganhou espaços em organizações sociais mistas, como sindicatos, associações e cooperativas”.

Diante de todas as demandas apontadas pelos setores, do acampamento, viu-se a necessidade de organizar essas mulheres pra lutar, Marilena Sanches fala sobre essa forma de organização:

Começa-se a conversar com as mulheres, sobre a importância delas participarem de forma efetiva dos processos de organização do acampamento e a partir daí então, a gente começa a desenvolver, o processo de organização, o que a gente chama de Escola de Formação de mulheres, são formações, geralmente as turmas são organizadas com 13 etapas de dois dias. Nessas formações a gente vai então discutindo as questões mais políticas que a gente chama, que as mulheres possam entender, as questões do patriarcado, de gênero, todo esse processo da forma como elas são oprimidas, a própria violência contra a mulher e acompanhado de, essa formação política a gente desenvolveu formação política, a gente desenvolveu formação de organização da formação, a partir da produção, com oficinas de agroecologia, de artesanato, plantas medicinais, enfim, com as próprias demandas que as mulheres apontaram. Pra além dessa organização da Escola de Formação de Mulheres, começou-se organizar coletivos locais de mulheres, que passaram a se reunir pra conversar, sobre as suas especificidades, organizar espaços de produção coletiva. Outra ação que a gente desenvolveu aqui no acampamento, foi a formação especificamente da violência contra a mulher e aí a gente fez um diálogo junto com as mulheres e com a coordenação do acampamento, no sentido de dialogar sobre a violência e também no sentido de buscar mecanismos para combater a violência. Em vista pro Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, não é aceitável de que em organização nossa, aconteça um caso de violência de nem um tipo, de nem uma característica, violência contra a mulher.

Neste contexto de luta pela terra e transformação social, produção da vida no acampamento e participação nas instâncias coletivas dentro do acampamento que vai se desencadeando, o processo de construção da identidade das mulheres. A este respeito continua explicando:

A gente sabe que no decorrer dessa organização, tivemos avanços, as mulheres participaram e assumiram também outros espaços de coordenação e direção do próprio acampamento, assim como alguns setores, a gente sabe que teve mulheres que contribuíram, na organização do grupo que produziu na agroecologia, aqui no acampamento nós tivemos uns avanços, mas também tivemos alguns retrocessos e a medida em que o acampamento vai se reorganizando, vai indo para áreas, cada família indo pro lote, a gente sente que no Herdeiros, nós tivemos uma fragilidade, o coletivo se fragilizou, porque as mulheres se espalharam, então tem uma dificuldade inclusive de se encontrar para manter as ações mais organizadas, mas que ela se mantém ainda em seus espaços de vivência e o coletivo aqui no acampamento, tem mantido essa necessidade de se reorganizar, então acredito que a partir do momento, que o pessoal, organiza-se no lote, a organicidade mais política também, ela vai voltar a fluir melhor.

Neste sentido Souza, (2008, p.81) Território são construídos e desconstruídos dentro de escalas temporais, as mais diferentes: séculos, anos, meses ou dias; territórios podem ter um caráter permanente, mas também podem ter uma existência periódica, cíclica. Localizando-se no espaço e no tempo, o autor continua afirmando que, o território está

presente em toda espacialidade social, ao menos enquanto o homem também estiver presente.

As mulheres aqui do Herdeiros, tiveram outras ações na região e no estado, que foram muito significativas, então as mulheres participaram além desse formação mais interna e formação regional, elas participaram do encontro do de março. Então assim teve encontro regional, encontro estadual com luta concreta, as mulheres do Herdeiros participaram de forma intensa e bem comprometidas com a organização, participaram de espaços de formação estadual, na escola de formação de mulheres do estado, algumas companheiras que são do próprio coletivo se inseriram na coordenação estadual, representando a região. Esses são alguns dos vários avanços que a gente foi tendo. Outra questão é a participação das mulheres na FESA – Feira de Economia Solidaria Agroecológica, onde as mulheres organizam suas bancas, suas vendas, tiveram bancas específicas do coletivo de mulheres. Pra além dos grupos de produção do acampamento as mulheres produziram e comercializaram os seus produtos. Essas são algumas das ações que a gente desenvolveu, que foram muito produtivas, inclusive a prova bem concreta de que houve empoderamento, da mulher nesse período em que tiveram acampadas. Primeiro nós tivemos mulheres que assumiram os espaços de coordenação do Movimento. Segundo, na prática o que a gente percebe, é que as mulheres assumiram a agroecologia, como um modelo produtivo, sabendo que a construção da agroecologia, ela é mais efetiva e isso é empoderar, pensar em outras formas de produzir, que vai consolidando a autonomia da família e as mulheres puxam essa discussão na agroecologia e isso é central. Pensando também na qualidade de vida, de alimento para a família, geração de renda. Construir experiências produtivas, construir experiências de comercialização. Se desafiaram a estudar e entender a realidade e agir nessa realidade, a partir desse conhecimento, que elas foram conquistando ao longo desses anos de organização. Quando as mulheres organizam uma ação no 8 de março, de enfrentamento ao agronegócio, de enfrentamento com esta parcela da sociedade, que discrimina os movimentos sociais. Quando elas vão pra rua, organizar a feira, em Quedas do Iguaçu, que teve a participação das mulheres do Herdeiros. Elas estão se empoderando, elas estão assumindo de fato, diferentes espaços da organização. Por exemplo no último 8 de março, foram as mulheres que organizam toda a feira, isso é consolidar sua autonomia, foi uma demonstração para o próprio movimento de que as mulheres são capazes sim.

O processo construção de autonomia e de empoderamento é lento, tem momentos que avança e momentos que retrocede, mas esse processo de formação fica enraizado, os sujeitos tomaram consciência e estão ali e a partir do momento que consegue vai avançar novamente na organização das mulheres.

E assim se constitui a organicidade, das mulheres do acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio em seu território de luta e resistência.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante o tema a construção da identidade das mulheres e a luta pela terra no acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio, no Município de Rio Bonito do Iguaçu, Paraná. Para responder à questão como se dá a construção da identidade das camponesas, via formação e organização.

Assim, procurou-se compreender o processo de inserção, formação política, lutas e organização das mulheres, tendo em vista que a mulher desempenha dupla ou tripla função de trabalho, quando a esta cabe o trabalho doméstico e no campo e muitas dela são militantes de movimentos sociais populares, professoras, coordenadoras, dirigentes, ativas no processo de formação dos demais integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

Analisou-se, o que fizeram as mulheres durante os quatro anos que antecederam a chegada na terra e como buscaram/participaram da formação política e como desenvolve-se hoje esse processo?

O objetivo deste trabalho foi investigar como ocorreu o processo de luta, formação política e construção da identidade da mulher, dentro do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, no acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio, Município de Rio Bonito do Iguaçu, Paraná.

A metodologia utilizada para realizar este trabalho, foram 2 entrevistas semiestruturadas, com mulheres que participaram da formação política das mulheres no acampamento. Também constam 3 histórias de vida de camponesas que atuaram desde o acampamento, até o pré-assentamento, estando morando hoje em seus respectivos lotes. Além de pesquisas bibliográficas.

A partir de toda a pesquisa efetuada, conclui-se que houve luta das mulheres com ações concretas, produção de alimentos de forma agroecologia, formação acadêmica, auto-organização, participação em eventos de formação, convivência entre as pessoas, trabalho comunitário, educação de filhos.

Algumas se destacaram nas coordenações de setores e grupos, dirigentes local e estadual, outras estudaram e se tornaram médicas, advogadas, professoras, agrônomas, agricultoras. Mesmo na invisibilidade todas as mulheres estavam lá, organizando o barraco, educando os filhos, participando das formações, mesmo que em silêncio, ouviram, aprenderam na convivência com as demais.

Observou-se que a organização teve avanços em alguns momentos, porém em outros nem tanto, porque depende do momento em que a luta se encontra-se.

As mulheres que conseguiram entender o processo de emancipação, de libertação, resistência, e de todos os processos que fizeram parte da construção da identidade, lutaram/lutam pra que este processo se torne uma vitória de todas.

6 REFERÊNCIAS

- ADORNO. T. W. (1985). **Dialética do esclarecimento**. (G. A. Almeida, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Original publicado em 1944). Disponível em: https://nupese.fe.ufg.br/up/208/o/fil_dialetica_esclarec.pdf?1349572420 Acessado em: 02/11/19.
- ANYON. J. **Intersecções de gênero e classe: acomodação e resistência de mulheres e meninas às ideologias de papéis sexuais**. 1990; 73:13-25. Cad. Pesqui. 1990. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br//index.php/cp/article/view/1093>. Acessado em: 02/11/2019.
- BEAUVOIR. Simone de. **O Segundo Sexo**. 2009. p. 809. Tradução Sérgio Milliet. - 2.ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- CHAUÍ. Marilena.. Apresentação: os trabalhos da memória. In BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras. 1987.
- DEL PRIORI. M. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 2004, p. 571. Carla Bassanezi (coord. de textos). Contexto 2014. 7ª. ed. – São Paulo: Contexto, 2004.
- Dicionário da Educação do Campo**. 2012, p.787. Org. CALDART. Roseli Salet. Et. al. 2ª ed. - Rio de Janeiro, São Paulo: E.P.S.J.V. Expressão Popular, 2012.
- DUSSEL. Enrique. **Filosofia da Libertação: crítica à ideologia da exclusão**. Trad. de George I. Maissiat. São Paulo: Paulus, 1995.
Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-39512018000400631. Acessado em : 02/11/2019.
- ENGELS. Frederich. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. E Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira S. A. 9ª edição, 1984.
- FERRARI, M. A. L. D. **O papel da diferença na construção da identidade**. Bol. psicol. 2006, vol.56, n.124, pp. 1-8. ISSN 0006-5943. São Paulo Jun. 2006. disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432006000100002 Acessado em 02/11/2019.
- FERREIRA. Jorgetânia da Silva. **As “mina” de Minas: acomodações e resistências de mulheres nas Minas Gerais**. Topoi (Rio J.) vol.17 no.33 Rio de Janeiro July/Dec.2016.
- MAIA. Claudia, PUGA. Vera Lucia (Org.) **História das Mulheres e do Gênero em Minas Gerais**. Florianópolis: Editora das Mulheres, 2015. 552. p. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s2237-101x2016000200654. Acessado em: 02/11/2019.
- GUARNERI. Jandira. KUNRATH. Mirian Maria. **Mulheres Produzindo Autonomia Gerando Sustentabilidade**. 2015. 22 p. CEAGRO. Laranjeiras do Sul. Gráfica Mariner. 2015.

MURARO, Rose Marie. BOFF, Leonardo. **Feminino e Masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças**. 2002. 287 p. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

NOGUEIRA. Maria Luísa Magalhães; BARROS. Vanessa Andrade de; ARAUJO. Adriana Dias Gomide; PIMENTA. Denise Aparecida Oliveira. **O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração**. Pesq. Prát. psicossociais vol. 12 no. 2 São João Del-Rei abril/jun.2017. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000200016.
 Acessado em: 02/11/2019.

ONU. Nações Unidas. **Você sabe o que é identidade de gênero?** Disponível em:
<https://nacoesunidas.org/voce-sabe-o-que-e-identidade-de-genero/> Acesso em 02/11/2019.

ORGANEK. Maristela. **A Produção do Tabaco Pela Agricultura Camponesa na comunidade de linha Piquiri, Prudentópolis. (Pr)** Laranjeiras do sul, 2017.

PAULILO. Maria Ignez & SILVA. Cristiani Bereta da. **A luta das mulheres agricultoras: entrevista com Dona Adélia Schmitz**. Revista Estudos Feministas. Florianópolis 15, n.2, p.399-417, 2007. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2007000200007
 Acessado em 02/11/2019.

PREFEITURA MUNICIPAL DE RIO BONITO DO IGUAÇU, PARANA. Acesso em 02/11/2019. Disponível em: www.riobonito.pr.gov.br.

RAFFESTIN. C. O que é território? In: - **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Editora Ática S.A. p. 143 – 163. 199.

SAFIOTTI. Heleieth. **Gênero Patriarcado e Violência**. 2015. 160 p. São Paulo: Expressão Popular, Fundação Perseu Abramo, 2ª edição,

_____ e ALMEIDA. **Violência de Gênero – Poder e Impotência**. Rio de Janeiro: Revinter. 1995.

_____ **Gênero Patriarcado e Violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SALES, C. V. **Mulheres Rurais: Tecendo Novas Relações e Reconhecendo Direitos**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v.15, n.2, p.437-443,2007. DISPONÍVEL EM:
https://www.researchgate.net/publication/2500004605_Mulheres_rurais_tecendo_novas_relações_e_reconhecendo_direitos.

SILVA, G. C. C. et al. **A mulher e sua posição na sociedade: da antiguidade aos dias atuais**. Rev. SBPH, Rio de Janeiro v.8, n. 2, 1-12. dez. 2005. Disponível Acessado em 02/11/2019.

SOUZA. Marcelo José Lopes. **O território: Sobre Espaço e Poder, Autonomia e Desenvolvimento**. In. **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014, p. 77 – 113. TEIXEIRA, S. **Gestão das organizações** Amadora: McGraw-Hill (2001).

TOLEDO. Elizete da Aparecida. **O Protagonismo das Mulheres na Luta Pela Terra e a (Re)construção da Identidade Camponesa**. 2007. 61 f. Monografia (Especialização em Educação do Campo) Curitiba, 2007.

VIEIRA. Josênia Antunes. **A Identidade da mulher na modernidade**. DELTA vol.21 no. Spe São Paulo 2005. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_rtttext&pid=s0102-44502005000300012.
Acessado em 02/11/2019. Acessado em: 02/11/2019.